

GÊNERO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE DIANTE DO NEOLIBERALISMO À BRASILEIRA.

Dariana Maria Silvino¹

RESUMO: Na área da educação, sobretudo a profissionalizante, as abordagens de gênero configuram-se um conhecimento necessário de ser debatido. Mas com os ideais neoliberais, tende a reforçar uma política de privatização, ensino à distância, puramente técnico, tido como negócio lucrativo para o capitalismo, sem problematizar as questões de gênero. Desta forma, trazemos no objetivo geral: compreender a visão dos alunos referentes à gênero, à sexualidade e os papéis sociais no processo de formação profissional. Dito isto, os/as estudantes da pós-graduação, responderam às perguntas, e neste procedimento, utilizou relatos de experiência obtidos por meio de questionário aplicado no contexto de COVID-19, através da ferramenta *Google Forms*, mantendo o sigilo, além do TCLE assinado. E baseada as análises na perspectiva da pedagogia histórico-crítico, numa pesquisa qualitativa e exploratória, usando ferramentas para coleta de dados o questionário para alinhar teoria e prática. Logo, os relatos apontam para a importância da disciplina de gênero e educação, numa oportunidade de avaliação do processo de ensino-aprendizagem no espaço escolar e Institutos Federais. Diante da grande relevância do tema para pensar um ensino do respeito e plural, cremos que por ter sido uma disciplina densa, exigiria maior tempo de leitura e carga horária, confirmando essa hipótese. E no contexto educacional vem ocorrendo o processo de privatização, compra e venda de mercadoria, transferência das responsabilidades públicas ao setor privado que atinge diretamente na formação de professores (as), dos currículos, da avaliação na lógica escolar. Onde grande parte dessas demandas têm sido sistematicamente repassadas à iniciativa privada. É fundamental vivenciar de maneira crítica as discussões de gênero em tempos de negação dos direitos educacionais e sociais.

Palavras-Chave: Gênero, Educação Profissionalizante, IFRN, Neoliberalismo.

INTRODUÇÃO

Entende-se que a escola, como uma das primeiras formas de convívio social, é um lugar de interação entre os sujeitos e mundo, e na área da educação, sobretudo a profissionalizante as abordagens de gênero configuram-se um conhecimento necessário de ser debatido. Mas com os ideais neoliberais, tende a reforçar uma política de privatização, ensino à distância tido como negócio lucrativo para o capitalismo, sem problematizar as questões de gênero e possibilitar reflexões críticas no fazer profissional e educacional.

A preocupação do debate partiu da vivência na especialização em Educação e Contemporaneidade-IFRN, da disciplina gênero e educação, da própria trajetória da

¹ Bacharela em Serviço Social-UERN. Especialista em educação-IFRN. Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo-UFBA. E-mail: darianamaria@hotmail.com.br.



pesquisadora na área de gênero, da enorme necessidade de problematizar a relação de gênero na educação profissionalizante, numa turma multidisciplinar, composta por diferentes formações: história, geografia, letras/português, química, biologia, serviço social, ciências sociais e outras áreas de atuação, em que muitos alunos nunca tinham debatido o assunto ou lido a respeito. Ao lançar da seguinte indagação: compreender a visão dos alunos referentes à gênero, à sexualidade e os papéis sociais no processo de formação profissional.

Dito isto, os/as estudantes da pós-graduação, responderam às perguntas obtidas por meio de questionário aplicado através da ferramenta *Google Forms*, mantendo o sigilo, além do TCLE assinado a partir de relatos de experiência dos alunos/as. E baseada as análises na perspectiva da pedagogia histórico-crítico, numa pesquisa qualitativa e exploratória, utilizou ferramentas para coleta de dados como o questionário, tudo isso, para alinhar teoria e prática.

Os relatos destacam a importância da disciplina de gênero e educação, na oportunidade de avaliação do processo de ensino-aprendizagem no espaço escolar e Institutos Federais. Diante da grande relevância do tema para pensar um ensino do respeito e plural, cremos que por ter sido a disciplina densa, exigiria maior tempo de leitura, e carga horária.

No contexto educacional ocorre o processo de privatização, compra e venda de mercadoria, transferência das responsabilidades públicas ao setor privado que atinge diretamente na formação de professores (as), dos currículos, da avaliação e na lógica escolar. Onde parte dessas demandas têm sido sistematicamente repassadas à iniciativa privada, em que é de suma importância vivenciar de maneira crítica as discussões de gênero em tempos de negação dos direitos educacionais e sociais.

METODOLOGIA

Por metodologia entende-se a construção de roteiro previamente traçado pelo/a pesquisador/a para tentar, diante do seu objeto, apreender com maior clareza o caminho que o objeto se apresenta, quais métodos e técnicas melhor se adequam. Tendo no objetivo geral: compreender a visão dos alunos referentes à gênero, à sexualidade e os papéis sociais no processo de formação profissional. Apontando como os/as discentes refletem essas questões na experiência no curso, reflexão da disciplina, implicações na docência e cotidiano de sala de aula.

Com base na reflexão anterior e na articulação dos processos de construção do conhecimentos de gênero na educação profissionalizante em uma intervenção pedagógica para



a aprendizagem é utilizado uma pesquisa de abordagem qualitativa, conforme (Minayo, 2007: p. 124):

No caso da pesquisa qualitativa, ao contrário, o envolvimento do entrevistado com o entrevistador, em lugar de ser como uma falha ou um risco comprometedor da objetividade, é pensado como condição de aprofundamento de uma relação intersubjetiva. Assume-se que a inter-relação no ato da entrevista completa o afetivo, o existencial, o contexto do dia-a-dia, as experiências, e a linguagem do senso comum, e é condição “sine qua non” do êxito da pesquisa qualitativa.

A partir das problematizações discutidas, buscou-se compreender o universo dos estudantes e possibilidades de desnaturalizar o olhar, o que no entendimento deles venham causar as opressões de gênero. Ao permitir trazer os desafios no campo educacional que tem se apresentado no discurso da ideologia neoliberal e conservadora trazendo à tona para a política educacional ao explicar os causadores de determinados fenômenos sociais e relaciona-los as macroestruturas.

Para tanto, em relação às técnicas de coleta de dados utilizadas, destacaram-se a realização do uso de questionário com estudantes da pós-graduação, ao responder às perguntas obtidas-importância de discutir gênero, a contribuição a disciplina no processo de aprendizado enquanto docentes em atuação e formação. Questionário este aplicado através da ferramenta *Google Forms* e para manter o sigilo/ética o TCLE foi assinado eletronicamente e enviado via e-mail no *google drive*.

A fundamenta teórica baseia-se na perspectiva da pedagogia crítica ao elaborar os apontamentos reflexivos na construção do estudo de gênero na educação profissionalizante que ao observar a complexidade das relações no campo educacional junto a outras dimensões:

[...] Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (FREIRE, 1996, p. 39).

A pedagogia crítica possibilitou uma melhor compreensão acerca das práticas escolares, ao relacioná-las a partes que se conectam nas várias determinações culturais e influenciam os fenômenos sociais e educacionais. Em que a autonomia crítica do/a educando/a faz através do engajamento político libertador em sua vivência.

Na curiosidade em aprender, é preciso estimular a capacidade dos indivíduos pela transformação de sua condição como sujeitos da construção e formação. Somos seres humanos históricos e com capacidade de intervir, de conhecer o mundo através das ações, ou melhor, da

realidade. Sendo fundamental discutir as implicações políticas de como a educação se apresenta e buscar suas condicionalidades.

REFERENCIAL TEÓRICO

A escola é uma instituição que contribui nas interações e configura-se no lugar de possibilidades para o educar. Trata-se de um espaço que é possível potencializar diálogos, oportunizar a aprendizagem, a convivência e acolhida. Daí trazer a discussão da formação docente e profissionalizante na condição de elemento norteador, relacionado a promoção e maior igualdade de gênero na escola/institutos federais.

Nas interpretações, significações em torno do gênero, apresentando com base em Silva (2007) reflexões da categoria não centrada no biológico, mas que pode influenciar nas escolhas, até validar discursos, bem como abordar em torno do conceito diversas concepções a respeito. Desta forma, entendendo que gênero se apresenta em duas partes e subpartes conectadas, pois “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1989: p. 21).

No tocante ao conceito de gênero está relacionado à construção do ser, diferente do percebido por sexo, atribuído ao fator biológico, entendido por anatômico e determinado Scott (1989). E faz-se relevante o diálogo, no sentido de problematizar a reflexão dos alunos no tocante ao gênero e seus entendimentos na possibilidade de contribuições da disciplina em suas formações e vida:

Eu acho muito importante discutir essa temática em sala de aula para construir uma sociedade igualitária, crítica e reflexiva, deixando de lado o machismo e práticas pejorativas e ruins ainda enraizadas na sociedade (BELL, 2023).

Acredito que o processo de desconstrução das desigualdades de gênero deve estar em todos os espaços sociais, e sendo a escola um ambiente que vai além dos conteúdos sistematizados, é importante que essa desconstrução esteja presente nas práticas docentes. Gênero é a forma como as pessoas se entendem dentro de uma construção social que vai além da definição de macho e fêmea (CAROLINA, 2023).

Faz-se necessário para discutir e entender a nossa posição no mundo. É uma maneira de trazermos reflexões e questionamentos, a desigualdade em diversos aspectos e as possibilidades de superar um movimento que tenta deslegitimar pessoas, causas, identidades. Gênero [...] é atribuído ao indivíduo antes de nascer [...] o que pode ou não usar, dentre outras questões que venham moldar posicionamentos, atribuições, direitos e comportamentos do indivíduo no mundo (MARX, 2023).



A educação de gênero é de suma importância dentro das escolas, pois, a partir dessas discussões que podemos conhecer e respeitar as diferenças e também combater as várias formas de violência existente no espaço escolar (CORA, 2023).

Estamos inseridos numa esfera social de relações e falar sobre gênero nos coloca diante de uma perspectiva plural, marcada pelo respeito às diferenças. Portanto, trabalhar essa concepção [...] contribui para construção da identidade dos sujeitos a partir de um quadro de subjetividades. Compreendo gênero como uma parte constitutiva das relações sociais e que denota as diferenças identificadas entre os sexos. Está pautado numa construção histórica (GRADA, 2023).

Os relatos anteriores nos instigam a pensar uma educação atrelada ao gênero nas várias instâncias da sociedade, inclusive na escola/Instituto Federal que não venham reproduzir desigualdades, e sim, num processo dinâmico do “cotidiano” na qual os espaços de sociabilidade sejam inclusivos. Com isso, *CAROLINA* aponta para as desconstruções de gênero que não sejam voltadas para um ensino puramente conteudista e normativo, mas também esteja presente nas práticas docentes do dia a dia.

Deste modo, gênero relaciona aos processos construtivos na esfera social das relações a qual nos coloca diante de perspectivas inclusiva. Ao trabalhar as concepções na formação profissional dos sujeitos, a partir de um quadro de subjetividades, então perguntamos os/as estudantes suas compreensões da sexualidade e orientação sexual:

Sexualidade é um conceito que trata sobre a saúde sexual do indivíduo, ligado a emoção e sentimento. Orientação sexual indica qual sexo ou gênero o indivíduo é atraído (BELL, 2023).

De maneira geral, sexualidade é por quem [...] as pessoas podem se sentir atraídas pelo mesmo sexo ou do sexo oposto e como se sentem quanto a sua orientação, ou seja, uma mulher pode se sentir um homem, vice e versa. Há também outras designações como mulheres e homens trans etc, (CAROLINA, 2023).

Algo fluído, pouco compreendida, mas quando vivenciada com liberdade, mesmo redundante, liberta! É como está situada a sua atração.... Assim, como a sexualidade; algo que pode estar em processo. Acredito que possa se redimensionar por exemplo, dos sentimentos. Mas nunca é por imposição! (MARX, 2023).

A sexualidade está relacionada a vida, os sentimentos e as afetividades que compartilhamos com as pessoas. A orientação sexual de uma pessoa indica por qual gênero ela sente-se atraída, seja física e/ou emocionalmente, ou seja, da maneira que vivencia suas relações afetivas e sexuais (CORA, 2023).

A sexualidade é o conjunto de tudo aquilo que conseguimos sentir e expressar tendo como base o nosso corpo. Orientação sexual é a forma que os sujeitos vivenciam suas relações afetivas, emocionais e sexuais. Compreendo como uma questão de identificação (GRADA, 2023).

Chama atenção as abordagens, em relação a sexualidade, por exemplo, em que *BELL* compreende mais para o lado da saúde de modo geral, já orientação sexual na visão dela é



como as pessoas enxergam consigo e o outro. E a sexualidade sendo direcionada para o lado biológico. Já *CAROLINA* entende por sexualidade, a relação com o sexo oposto, ou seja, a construção da relação entre homem e mulher.

E por fim, *MARX* discute sexualidade como algo fluído, se vivido em bases libertárias. E, a todo momento os sujeitos falam a respeito da sexualidade ao vivencia-las e afirma-las, seja na família, na escola, na igreja, contudo, pode existir uma forte repressão em esconde-la e vigia-la enquanto uma “espécie de tabu”:

Há uma batalha nas instituições de educação em abordar sobre o tema. Porém, continuamos em uma sociedade machista, patriarcal que não compreende o direito da pessoa ser quem ela é ou desejar ser (BELL, 2023).

Enxergo como ideias e padrões que devem ser desconstruídos, pois os papéis sociais são impostos e não escolhidos e essas imposições começam na infância. (CAROLINA, 2022).

Infelizmente, são classificatórios e segregativos (MARX, 2023).

Vejo como um conjunto de comportamentos que são associados ao feminino e ao masculino. Dessa forma, eles se desenvolvem já na infância bem no início do processo de construção da identidade (CORA, 2023).

Nossa sociedade é plural. Os papéis sociais existem, e é um assunto que necessita está sempre em notoriedade no cenário de debates (GRADA, 2023).

As descrições tocam num ponto, em que os papéis sociais se relacionam diretamente com o gênero, apresentando em bases em hierarquia de poder, encontram-se em forte dominação e opressão masculina. Em que os papéis sociais impostos pela sociedade tende a ser reforçados pelo tipo de educação sexista², na família e outras instituições como escola e igreja.

Com isso vindo diferenciar roupas, brincadeiras e brinquedos, isto é, meninas usam ou fazem determinadas funções e os meninos outras, na verdade tal separação mais aprisionam desde a infância, chegando a fase adulta em que as pessoas cotidianamente tem seus direitos de subjetividades violadas de não serem o que quiser. Nesta abordagem não poderíamos deixar de relacionar o que a disciplina ajudou na formação profissionalizante:

Ajudou a compreender melhor sobre a temática, aumentando minha criticidade sobre a sociedade (BELL, 2023).

² É um tipo de educação que se utiliza de determinadas diferenças biológicas, físicas para justificar desigualdade e hierarquia existente entre os meninos e meninas no espaço escolar Moreno (1999).



Pensar sobre algumas questões que permeiam a discussão e que antes não havia me atentado. A conhecer novas leituras e a complementar o conhecimento que foram adquiridos ao longo da trajetória (MARX, 2023).

Essas discussões são muito pertinentes a cada dia, e só conseguimos entender mais a fundo quando vamos para as escolas e vivenciamos situações que exigem de nós enquanto profissionais uma postura adequada para não reforçarmos ainda mais a desigualdade de gênero (CORA, 2023).

Aprender, mas colocar em prática o que aprendeu, promovendo outras discussões. E particularmente a disciplina possibilitou esse movimento de reciprocidade entre aquilo que foi ofertado e o que foi assimilado (GRADA, 2023).

Podemos concluir que as falas remetem para a importância da disciplina tanto no desenvolvimento pessoal, social, e sobretudo, profissional, em que os/as estudantes estavam no processo de aprendizado e/ou professores/as em formação, a conhecer novas leituras, discussões tão essenciais quando o assunto é relacional ao gênero. Na condição de sujeitos inseridos em vivências múltiplas, na busca de uma melhor qualificação na qual reflita a vida cotidiana, a conjuntura, a realidade social em defesa dos ideais de uma educação inclusiva e igualitária.

E no contexto de transformações societárias vividas a partir de 1970 a crise atual do capital Hirata (2019) ocorre mudanças em todas as esferas da vida seja tecnológica, política, social e educacional. O neoliberalismo e reestruturação produtiva foi uma resposta à crise do Welfare State Estado de bem-estar social que alguns países europeus vivenciaram, o sonho do pleno emprego, aumento de garantias sociais e trabalhistas. E no Brasil as ideais neoliberais chegaram no governo Collor, na década de 1990 e que houve um Estado de mal-estar social.

Os/as trabalhadores/as tiveram menos acesso à renda e mais sobrecarga, por exemplo, dos profissionais da educação ou mesmo ausência de labuta, exclusões, demissões, adoecimento dentro e fora do serviço. No que diz respeito ao mundo do trabalho no campo educacional temos a mercantilização da educação, vista como um produto, negócio por empresas que lucram vendendo sonhos, passa a falsa ideia que basta um diploma e será bem-sucedido, terá empregabilidade.

Ao descaracterizar totalmente a função social do processo formativo e educacional, crítico, compromissado, desenvolvendo profissionais para o mercado, empregabilidade como diria Gentili (1996) no discurso neoliberal na educação, intensifica a jornada de trabalho, uso da mão de obra de mulheres, de novas formas de exploração e lucratividade. E na falácia do mito da excelência educacional na qual é passado a imagem de privatizar para poder funcionar, o público gera muitos gastos, ineficiência, seguindo a lógica, mínimo para o social e máximo



para o capital, e na contramão dessa realidade perversa compactuamos do pensamento de Frigotto:

Nessa perspectiva, nossos esforços como educadores é, ao mesmo tempo de nos capacitarmos para ajudar os educandos a ler criticamente a realidade embrutecedora e mutiladora de vidas sob a sociedade capitalista e lutar por mudanças que não se constituam em reforço à sociedade como as políticas compensatórias ou de filantropia no âmbito social, econômico e educacional, e sim que pontem para novas relações sociais ou relações efetivamente socialistas. Distinguir umas de outras é tarefa ético-política imprescindível. (FRIGOTTO, 2002, p. 24-25).

Ter a curiosidade e inquietação que possibilita não cair nos irracionalismos. É possível construir uma sociedade em que as pessoas desenvolvam suas potencialidades de forma ética e crítica no fazer do exercício profissional cotidiano do respeito ao diferente, predisposto à mudança e seres humanos em constatação inacabamento. Assumindo o direito e dever de optar, de decidir, de lutar de fazer política.

Devemos ser sujeitos da história, mesmo com todas as dificuldades materiais, econômicas, políticas, culturais, temos a possibilidade de mudança através de nossas ações concretas. No entanto o fazer história, sem ideias de formação, sem pontos de vista sobre o mundo, abertos a procura, sem politizar, não haverá mudanças dos sujeitos para transformar a realidade e nela intervir, recriando-a. Deve-se não permanecer numa ordem injusta de viver, fatalista, imobilizante, e sim, criticamente esperançosos/as de poder mudar as condições em que os indivíduos estão inseridos e tudo isso passa pela educação não bancária como diria Paulo Freire.

Neste processo de decisão, de escolha, de liberdade para intervir na realidade a autonomia se constrói nas ações, resistências, indignações de mudar o fazer educacional, é preciso rebelar diante das discriminações, opressões, explorações da qual os sujeitos são vítimas e sofrem com isso. Os Parâmetros de Atuação do/a Assistente Social na Educação trazem esses preceitos:

Política educacional não se estrutura como forma de assegurar modos autônomos de pensar e agir [...] concepção de educação para ser realizada depende também da garantia do respeito à diversidade humana, da afirmação incondicional dos direitos humanos, considerando a livre orientação e expressão sexual, livre identidade de gênero [...] Os processos de constituição dos sujeitos coletivos e de suas lutas é, desta forma, condição de uma educação emancipadora, posto que qualificam a democracia como um processo e não como um valor liberal. (CFESS, 2011, p. 20-22).

Sendo fundamental haver uma formação integral do ser humano, pensar de forma crítica sem preconceito para com as diferenças através das ações políticas, compreender o



mundo, sua capacidade de apreender, de responder aos desafios através da consciência crítica, nas análises, avaliações em romper com o estabelecido. Afirmamos o compromisso em que os desejos e as emoções não sejam reprimidos para fazermos a própria história da realidade vivida e que atenda todas as dimensões da vida social e educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa revelou que, diante da grande necessidade do tema para pensar um ensino do respeito e plural, cremos que por ser sido uma disciplina densa, exigiria maior tempo de leitura e carga horária. E no contexto educacional vem ocorrendo o processo de privatização, compra e venda de mercadoria, transferência das responsabilidades públicas ao setor privado que atinge diretamente na formação de professores/as, dos currículos, da avaliação na lógica escolar. Em que grande parte dessas demandas têm sido sistematicamente repassadas à iniciativa privada, mas vivenciar de maneira crítica as discussões de gênero em tempos de negação dos direitos educacionais e sociais é de suma importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para ter uma melhor efetivação da educação, enquanto direito de todos/as, é dever do Estado garanti-la ao concretizar os princípios fundamentais propostos na (CF/88), no (PNE/2014-2025), na (LDB/96) e em outros mecanismos legislativos que direcionam para uma educação de qualidade, plural, igualitária onde na educação profissionalizante as abordagens de gênero configuram-se um conhecimento necessário de ser debatido.

Os desafios que se impõem no campo da educação, continuam sendo— seja no atual modelo capitalista de modo geral, em que se faz cada vez mais necessárias aulas que discutam sobre gênero, sexualidade e construções dos papéis sociais, um maior aprofundamento do tema, muitas vezes, tais questões acabam em segundo plano ou tidas de pouca relevância.

REFERÊNCIAS

CFESS. **Subsídios para Atuação de Assistentes Sociais na Política de Educação:** trabalho e projeto profissional nas políticas sociais. Brasília: 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).



FRIGOTTO, Gaudêncio. **A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida.** A experiência do trabalho e a educação básica. In FRIGOTTO, Gaudêncio. Rio de Janeiro: 2002.

GENTILI, Pablo. **Neoliberalismo e Educação.** Manual do usuário. IN:_____; SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). Escola S. A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional no neoliberalismo. Brasília: CNTE, 1996.

HIRATA, Helena. Entrevista: Helena Hirata. **TRABALHO, EDUCAÇÃO E SAÚDE (IMPRESSO)**, v.17, p. e0021138, 2019.

MINAYO, Maria. Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 10ª ed. São Paulo: Hicitec, 2007.

SILVA, Carmen. Raízes das Desigualdades. In: **Cadernos de crítica feminista.** Reflexões feministas para transformação social. Ano I, nº. 0. dez. 2007. p. 148 – 157.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. Recife, 1989, Mimeo. [Tradução: Christine Rufino Dabat & Maria Betânia Ávila]. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 03 mai. 2020.